

As margens do velha, de Massuelen Cristina

Muito antes de surgirem as discussões pós-coloniais, ainda no início da década de 1930, Carlos Drummond de Andrade já observava que, na cidade mineira de Sabará, “tudo tudo é inexoravelmente colonial”. Já distante do período em que os bandeirantes embrenhavam-se na mata (“Borba sumiu”), os “bancos janelas fechaduras lampiões” da cidade permaneciam, para o poeta, como testemunhas de um passado – colonial – que recusava-se a se extinguir.

O poema de Drummond é retomado pela artista Massuelen Cristina, uma jovem moradora de Sabará, no seu vídeo “As margens do velha”, de 2020. Além de alguns versos que a artista cita *em off*, enquanto vemos cenas da paisagem de Sabará no início e no fim do vídeo, seu trabalho também parece discutir essa relação entre presente e passado, entre o atual e o antigo, o contemporâneo e o arcaico.

O rio das Velhas, que atravessa a cidade, é, ao lado de Dinorá Felipe Xavier, uma senhora de 85 anos, personagem principal do trabalho da artista. O entrelaçamento entre a paisagem e o cotidiano de Dinorá, entre a geografia de Minas e a biografia dessa mulher é a costura que Massuelen tece, com engenho e sutileza, dando origem à obra que deverá ser a primeira parte de uma trilogia na qual a artista ainda está trabalhando.

Já nos primeiros instantes do vídeo, o som da água do rio confunde-se com o som da água que é esguichada por uma mangueira que enche a máquina de lavar roupa da casa onde vive Dinorá. A eletricidade é puxada a partir de um ponto dentro da casa: o fio sai da cozinha, passa pelo vão do vitrô aberto e alcança o tanquinho – como é conhecida essa máquina, mais barata que a convencional, que não centrifuga a roupa. Ambiente simples, algo apertado (como indica a falta de mobilidade da câmera) é bastante improvisado.

Dinorá conta que nasceu em 1936 no município de Rio Acima (também em Minas) e veio com a família para Sabará quando tinha seis anos. Aos oito já trabalhava. Enquanto estende uma colcha de cama branca num varal que monta e desmonta na rua em frente a sua casa ela conta que durante sua infância costumava pescar no rio com seu pai: águas limpas, barcos, peixes grandes. E conta também que lavava roupa, batendo-as nas pedras do rio e depois deixando-as quasar num gramado sob o sol, hábito antigo e relacionado à vida

interiorana. Chegava às sete da manhã e voltava às seis da tarde. Poderiam ter sido dela as “pernas morenas de lavadeiras, tão musculosas que parece que foi o Aleijadinho que as esculpiu” a que Drummond se refere no mesmo poema.

Com uma vida doméstica assentada em costumes simples, assistimos a nossa personagem falar ao telefone com um parente, cozinhar um picadinho em panela de barro, cortar em fatias finíssimas a couve manteiga enquanto leva dois dedos de prosa. Ela toma um copo de cerveja bem gelada, fuma um cigarro, ajeita o cabelo. Cuida das plantas distribuindo o que parece ser a casca de algum alimento pelos vasos do quintal. Acompanhá-la em sua rotina instala em nós um tempo desacelerado, algo circular, típico dos afazeres da casa: lava, torce, estende, dobra, usa, suja, lava de novo. Prepara, corta, pica, refoga, cozinha, come, joga, lava, prepara mais.

A religião é outro foco aglutinador nessa rotina que vemos no vídeo. No rádio, o locutor avisa que vai se reportar à bíblia e inicia uma preleção acerca da solidão. Imagens de santos católicos estão espalhadas pela casa. Assim como uma figa de madeira e um preto velho. E também outros bibelôs e souvenirs: um elefante, um papai noel, canecas de viagens. Dinorá conta como, mesmo sendo católica, entrou em contato com a umbanda e reafirma sua crença em Xangô das Pedreiras. “Pedra rolou Xangô / Lá na pedreira / Segura pedra meu Pai / Na cachoeira” canta. Em seguida, conta como construiu junto com seu pai e seu marido uma casa de três cômodos para viver com a família: tinham que carregar por um longo trecho latas cheias de cascalho e areia. Ela estava grávida de um de seus nove filhos. “Segura pedra meu pai”.

Uma outra cena marcante mostra Dinorá na cozinha, socando o alho num pilão de madeira quando ouvimos – muito sutilmente – as badaladas de um sino lá fora. Num momento especial, em que a artista aparece junto com a avó (não a sua imagem, mas a sua voz) elas cantam juntas: “O Sino da igreja faz belém belém/ Deu meia-noite o galo já cantou / Seu Tranca-Ruas que é o dono da gira / ô corre gira que Ogum mandou”. Meio católico pelo sino da Igreja, meio candomblé pela canção. Meio dia. Pausa pro almoço.

A água que corre no rio das Velhas “já viu o Borba”, diz o poema de Drummond. Conta-se que Borba Gato, um dos mais conhecidos bandeirantes brasileiros, achou ouro no Rio das velhas e negociou com os governadores das

capitanias de Minas e São Paulo sua liberdade (ele estava foragido depois de cometer um assassinato) em troca de informar a localização exata do minério, assumindo, depois dessa barganha, um posto oficial naquela região. Um episódio lateral na história brasileira, mas emblemático para se compreender a formação do país, a prevalência da troca de favores como modo de operação da vida política.

Se, por um lado, podemos entender que “permanecer inexoravelmente colonial” significa ter que lidar com essa herança pesada, por outro lado, o desejo de ultrapassar o passado numa ânsia modernizante também foi uma promessa que fez água no Brasil. O país vem se “modernizando” ao passo em que aumenta a exploração do trabalho, acelera-se a destruição do meio ambiente, precariza-se as condições de vida nos grandes centros urbanos. Isso para não estender demais a lista.

Nem nostalgia, nem crença no moderno. Massuelen nos apresenta uma personagem ativa. Uma mulher, negra, pobre que criou nove filhos trabalhando como empregada doméstica. Difícil olhar para essa história e não perceber como a vida é dura para as mulheres negras e periféricas. Mas há também fartura e entusiasmo: um acúmulo de saberes (culinários, religiosos, manuais), uma satisfação em cuidar (da filha especial, das plantas, da casa, da roupa), uma personalidade carismática, independente e jovial. A recente emergência do conceito de ancestralidade por parte de alguns artistas fala um pouco sobre o interesse em olhar o que ficou para trás no processo de “modernização”. É isso que parece estar no centro das preocupações de Massuelen numa obra como essa. Uma certa ancestralidade que talvez não se dirija a um corte social específico, mas uma ancestralidade da mulher comum, resgatando vivências que são bastante familiares mesmo para quem não frequentam giras de Umbanda, não socam alho com o pilão, nunca pôs a roupa para quorar no sol nem sabe fazer tricô. Coisas que a nova geração (e esse tema geracional se apresenta no trabalho à medida que são avó e neta) nunca fez mas talvez queira experimentar agora.

The banks of the old, by Massuelen Cristina

Long before the emergence of post-colonial discussions, still in the early 1930s, Carlos Drummond de Andrade already observed that, in the mining town of Sabará, “everything is inexorably colonial”. Already distant from the period when the bandeirantes went deep into the woods (“Borba sumiu”), the city’s “banks, windows, locks, lamps” remained, for the poet, as witnesses of a past – colonial – that refused to be extinguished. .

Drummond's poem is taken up again by the artist Massuelen Cristina, a young resident of Sabará, in her video "As margins of the old woman", from 2020. In addition to some verses that the artist quotes in off-screen, while we see scenes of the landscape of Sabará at the beginning and at the end of the video, your work also seems to discuss this relationship between the present and the past, between the current and the ancient, the contemporary and the archaic.

Alongside Dinorá Felipe Xavier, an 85-year-old woman, the river das Velhas, which crosses the city, is the main character of the artist's work. The interweaving between the landscape and Dinorá's daily life, between the geography of Minas Gerais and this woman's biography is the seam that Massuelen weaves, with ingenuity and subtlety, giving rise to the work that will be the first part of a trilogy in which the artist still working.

Already in the first moments of the video, the sound of river water is confused with the sound of water that is squirted by a hose that fills the washing machine in the house where Dinorá lives. Electricity is drawn from a point inside the house: the wire leaves the kitchen, passes through the gap in the open window and reaches the tanquinho – as this machine is known, cheaper than the conventional one, which does not spin the clothes. Simple, somewhat cramped environment (as the camera's lack of mobility indicates) is quite improvised. Dinorá says that she was born in 1936 in the municipality of Rio Acima (also in Minas) and came with her family to Sabará when she was six years old. At eight she was already working. While she spreads a white bed quilt on a clothesline that she puts up and takes down on the street in front of her house, she tells that during her childhood she used to go fishing in the river with her father: clean waters, boats, big fish. And she also tells that she washed clothes, beating them on the river stones and then letting them lie on a lawn under the sun, an old habit related to life in the countryside. She arrived at seven in the morning and returned at six in the afternoon. The “brown legs of washerwomen, so muscular that it looks like Aleijadinho carved them” that Drummond refers to in the same poem could have been hers.

With a domestic life based on simple customs, we watch our character talk on the phone with a relative, cook a little minced meat in a clay pot, cut kale into very thin slices while carrying on a couple of fingers of conversation. She has a glass of ice-cold beer, smokes a cigarette, fixes her hair. She takes care of the plants by distributing what appears to be the husk of some food in the backyard pots. Accompanying her in her routine installs in us a decelerated time, something circular, typical of household chores: wash, twist, extend, fold, use, get dirty, wash again. Prepare, cut, chop, sauté, cook, eat, play, wash, prepare more.

Religion is another unifying focus in this routine that we see in the video. On the radio, the announcer announces that he will refer to the bible and starts a lecture about loneliness. Images of Catholic saints are scattered around the house. As well as a wooden fig and an old black. And also other trinkets and souvenirs: an elephant, a Santa Claus, travel mugs. Dinorá tells how, even though she was Catholic, she came into contact with umbanda and reaffirms her belief in Xangô das Pedreiras. "Stone rolled Xangô / There in the quarry / My Father holds a stone / In the waterfall" she sings. Then she tells how she built, together with her father and her husband, a three-room house to live with the family: they had to carry cans full of gravel and sand for a long distance. She was pregnant with one of their nine children. "Hold a stone my father".

Another striking scene shows Dinorá in the kitchen, pounding the garlic in a wooden pestle when we hear – very subtly – the tolling of a bell outside. In a special moment, in which the artist appears together with her grandmother (not her image, but her voice) they sing together: "The bell of the little church makes belém belém/ It was midnight and the rooster has already crowed / Seu Tranca-Ruas who is the owner of the gira / oh run gira that Ogun sent". Half Catholic for the church bell, half Candomblé for the song. Midday. Lunch break. The water flowing in the das Velhas river "has already seen the Borba", says Drummond's poem. It is said that Borba Gato, one of the best known Brazilian bandeirantes, found gold in Rio das Velhas and negotiated with the governors of the captaincies of Minas and São Paulo his freedom (he was on the run after committing a murder) in exchange for informing the location ore, assuming, after this bargain, an official post in that region. A side episode in history